

Linguagens e Códigos

4 Linguagem no cotidiano escolar



Objetivo

O último Tema do nosso Curso é Linguagem no cotidiano da escola: memória e opinião. O objetivo deste módulo é sistematizar o conjunto de conhecimentos construídos nos três módulos anteriores, promovendo situações que nos permitam perceber como a linguagem circula na escola, em seus espaços e nos tempos de atuação das pessoas que entram e saem por seus portões, dia após dia. São trabalhados três tópicos ligados a esse tema:

- Escola e interação social
- Gêneros escolares e gêneros escolarizados
- Narrar e Opinar na escola

O QUE VEIO ANTES?

No módulo anterior, discutimos sobre como os gêneros orais circulam na escola, como as práticas de escuta e produção oral se configuram na interação escolar.

TÓPICO 1 Escola e interação social

Objetivos

Os objetivos específicos deste tópico do quarto módulo do nosso Curso são:

- compreender a linguagem como mediadora da interação na escola;
- avaliar e discutir como a linguagem ganha corpo no espaço da escola.

A escola nas telas do cinema

De tempos em tempos, a escola retorna às telas do cinema. Não deixa de surpreender que apenas nesta primeira década dos anos 2000, várias produções cinematográficas, de nacionalidades diversas, tenham-se voltado para a sala de aula.

No francês *Entre os muros* da escola (*Entre les murs*, 2008), a sala de aula de uma escola na periferia parisiense é palco das tensões entre um professor de francês e alunos adolescentes de ascendência étnica e sociocultural diversa. Baseado em livro homônimo de François Bégaudeau, o filme é um retrato da França contemporânea.

Essas tensões são representadas também no americano *Escritores da Liberdade* (*Freedom Writers*, 2007), filme que retoma a experiência de Erin Gruwell, uma jovem professora que leciona em uma pequena escola de um bairro periférico nos EUA. A professora promove mudanças significativas na comunidade escolar ao propor aos alunos um ensino baseado nos valores da tolerância e da disciplina.

Já no alemão *A Onda* (*Die Welle*, 2008), para trabalhar com seus alunos os mecanismos do sistema fascista, um professor de história implementa um projeto de ensino pelo qual os alunos passam a vivenciar, no espaço da sala de aula, os princípios e valores do fascismo, chegando a transpô-los para fora dos muros da escola, o que gera eventos trágicos que fogem ao controle do professor.

Finalmente, o documentário brasileiro *Pro dia nascer feliz* (2005), de João Jardim, justapõe situações e depoimentos de professores e alunos de diferentes escolas brasileiras, públicas e particulares, com diferentes perfis socioeconômicos (escolas da periferia de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco e também de dois renomados colégios particulares, um de São Paulo e outro do Rio de Janeiro). As diferenças gritantes das condições materiais de vida dos adolescentes são mostradas, sem qualquer problematização.



Entre os componentes temáticos dessas produções, o que parece atravessá-las todas é o tema da diversidade (sociocultural, linguística, econômica e ideológica) e as formas como ela ganha corpo na interação entre professor e alunos, entre eles e os outros membros da comunidade escolar e nas relações da escola com a sociedade.

Essas produções cinematográficas colocam em perspectiva pelo menos três tópicos para discussão:

- a centralidade da escola como agência social de promoção da socialização das novas gerações, além de incremento do acesso aos bens culturais na vida da cidade. Assim, a escola é, de certo modo, um microcosmo em que a vida social se reinventa;
- a diversidade das histórias de vida e dos percursos de letramento (de leitura e de escrita) de seus agentes (professores, alunos, funcionários, familiares etc.); e
- a relevância da sala de aula como espaço de interação em que ganham corpo os processos de ensino e aprendizagem.



Em resumo, a escola pode ser pensada como um espaço público de interação social. E, se há pessoas em interação, há linguagem constantemente circulando na escola.

A escola como espaço de linguagem

Tudo o que abordamos sobre linguagem nos módulos anteriores permite discutir sobre como a linguagem ganha corpo e circula no espaço em que atuamos - a escola. Ser profissional da educação traz esta particularidade em relação a outras áreas profissionais: atuamos em um espaço que já conhecemos, em que estivemos grande parte de nossas vidas.

Podemos reconhecer, por exemplo, textos e práticas que são a cara da instituição: boletim escolar, conselho de classe, redação, o seminário, a cópia; bem como outros, que são apropriados pela escola e passam a integrar o seu cotidiano, como o jornal, a literatura infantil, o cinema, o debate. Ajudamos a construir esses textos e práticas, aprendemos a usar esses textos, imprimimos neles nossa marca e levamos para fora dos muros da escola a marca dos textos escolares.

O modo escolar de existir é tão presente na vida social que Tardif & Lessard (2005) chegam a notá-lo como parâmetro para as outras formas atuais de socialização:



“longe de se desfazer com o tempo, constata-se que esse modo de socialização e formação, que chamamos de ensino escolar, não pára de expandir-se, ultrapassando em muito a instituição que lhe serve historicamente de suporte, ou seja, a escola. Na realidade, são raros hoje os setores sociais (famílias, corporações e profissões, indústrias, esportes e lazeres, etc.) em que não se encontrem modos de socialização e de formação que reproduzem as formas e conteúdos da escolarização: aprendizagem por objetivos, abordagens por competência, etc.” (p. 23)

Assim, a vivência escolar marca de tal modo a vida das pessoas que acabamos levando para nossas práticas, em outras instâncias sociais, atitudes, valores e crenças desenvolvidos na escola. É só se lembrar do quanto grande parte de nossas crianças simulam *brincar de aula*. Outra situação é a de um bate-papo entre amigos em que um deles começa a explanar longamente sobre um certo assunto e os demais o advertem de que ele pode *concluir a aula*. Um último exemplo é a generalização do nome aula para qualquer situação de ensino ou treinamento – *aula de natação, aula de Yoga*.

Estar sensível a esses textos e práticas é o caminho para afastar uma ideia muito presente nos discursos sobre a escola que circulam na sociedade – na mídia, na universidade, na família: a ideia de que na escola nada muda, de que a escola é, portanto, o lugar da inércia.

E mais: a ideia de que tudo que entra na escola (saberes, práticas, histórias de vida, opiniões) se submete inevitavelmente a um único e só destino: o empobrecimento.

Pôr em questão essa visão única de escola é condição para criar outras sensibilidades em relação a ela. Um dos passos para isso é questionar a visão que considera a escola segundo três perspectivas mais ou menos complementares:

- i. a perspectiva daquilo *que lhe falta*;
 - ii. a perspectiva determinista segundo a qual tudo o que a escola *toca* se transforma necessariamente, em algo menor, inferior: ou seja, a escola reduziria tudo o que nela entra;
 - iii. a perspectiva reprodutivista segundo a qual a escola é tão-somente o espaço da reprodução de estruturas e valores ideológicos produzidos fora dela e a ela impostos.
- Questionar essas três perspectivas abre espaço para outra visão de escola:



Agência de letramento cosmopolita, cuja função é preservar, incrementar e garantir modos de circulação e de acesso à produção cultural destinada à formação cultural das crianças e jovens.

Levando-se em conta essa outra visão, a pergunta que nos vem é:

Como a linguagem ganha corpo, se materializa e circula na escola, nas relações que os membros da comunidade escolar – professores, alunos, familiares, técnicos, membros da comunidade civil – mantêm entre si?

TÓPICO 2 Gêneros escolares e gêneros escolarizados

Objetivos

Os objetivos específicos deste tópico do quarto módulo de nosso Curso são:

- discutir os práticas escolares de apropriação e de invenção de gêneros textuais;
- discutir sobre o lugar da linguagem nos projetos da escola.

Ao se apropriar de gêneros textuais e práticas de linguagem variados que se constroem na sociedade, a escola os transforma, dando-lhes um perfil escolar. Os gêneros textuais e as práticas de linguagem na escola não se configuram do mesmo modo como aparecem em outros espaços sociais, embora estejam vinculados intimamente a esses espaços.

Um relatório da visita ao museu, por exemplo, produzido por crianças da 3ª série do Ensino Fundamental, necessariamente, será diferente do esboço produzido por um jornalista que visa, a partir de suas anotações, à produção de uma reportagem sobre o museu. Será diferente ainda do relatório do biólogo que faz uma pesquisa sobre zootecnologia.

O que acontece, por exemplo, com um gênero como receita culinária, quando circula fora do contexto doméstico e passa a fazer parte de uma tarefa escolar? Questões como essas são suscitadas quando nos deparamos com produções de linguagem como a que se segue, de um aluno de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. A quinta questão de um exercício de língua portuguesa tinha como instrução:

Invente uma receita criativa e diferente, utilizando elementos que você considera necessários para fazer, por exemplo, um “Bolo da Felicidade”.

à qual o aluno respondeu escrevendo:



Ex: TÍTULO Bolo de Amigos

INGREDIENTES:

5 pitadas de Lucas
 3 xícaras de leite de Marco
 2 dentes de Heloá
 4 unha de Julia
 6 colheres de Pablo
 7 fios de cabelos da Catarina
 1 sorriso de Gabriela

MODO DE PREPARO

Coloque o leite de Marco numa bacia rasa depois bote os dentes de Heloá junto com as unhas de Julia, mexa bem até ficarem parecidas com Bruna. Depois acrescente as 5 pitadas de Lucas, os sete fios de Catarina e o sorriso de Gabriela leve ao forno e bom o apetite.

Para alterar o gênero receita culinária e produzir um certo humor, o aluno provavelmente já tinha um conhecimento sobre esse gênero. Do mesmo modo, uma criança que participa da prática de conversação em sua família, ocasião em que se contam histórias e piadas, ou da prática de leitura de cartas, provavelmente reconhecerá os gêneros piada e carta pessoal com uma certa facilidade. Se não exercita a prática de discussão coletiva de questões polêmicas, por hipótese terá mais dificuldade de produzir o gênero debate quando for solicitada a isso.

Isso não significa dizer que os gêneros são uma fôrma, uma camisa de força que determina por completo a prática de linguagem do indivíduo. Mas é certo que a familiaridade maior com o gênero permite que o produzamos com maior flexibilidade, até brincando com suas formas e seus conteúdos.

Além de se apropriar de gêneros produzidos na sociedade, a escola também inventa seus próprios gêneros – os chamados gêneros escolares. Alguns entre eles são criados para servir ao próprio funcionamento da instituição escolar – como histórico escolar, diário de classe, plano de aula, requerimento escolar etc. –, e outros são tornados objetos a serem ensinados – o exemplo mais representativo, nesse caso, é a dissertação escolar.

Levando-se em conta a visão de linguagem como **dispositivo de interação** e a visão de escola como **agência de letramento**, como discutidas durante o Curso, a questão que nos vem é:



Como transformar essa visão de linguagem e de escola em projetos escolares significativos para a comunidade e exequíveis no tempo e espaço escolares?

Não há obviamente receitas prontas e acabadas, mas há indicações e princípios gerais que podem nos ajudar a formular projetos visando o incremento da comunicação na escola e dos usos da linguagem que aí se constroem. O que poderia estar na base desses projetos?

Dois princípios podem ser considerados:



- a. os indivíduos que circulam na escola não são folhas de papel em branco. Ao contrário, quando chegam a ela, já trazem um repertório de saberes, lembranças e práticas. O desafio parece ser, então, pensar em modos como se pode dar voz a essas histórias de vida, tirá-las da sombra e do silêncio em que muitas vezes são deixadas. Um projeto da Escola Heitor Vila Lobos, em Taboão da Serra (SP), levou a sério essa questão. Permitiu que professores visitassem a família de alguns de seus alunos, com o consentimento dos alunos e de seus parentes. Uma das surpresas foi constatar que nem sempre o aluno que vai bem na escola tem um ambiente familiar em que a leitura e a escrita tem um lugar central, e vice-versa. Conhecer as histórias de vida dos membros da comunidade escolar é o primeiro passo para criar laços de solidariedade na escola, de ajuda mútua e de defesa dos direitos de todos.
- b. os indivíduos que circulam na escola são capazes de se posicionar diante de problemas e situações que a vida em grupo nos coloca. A escola é uma das poucas agências sociais que permite o exercício da troca pública de informações e opiniões em grandes centros urbanos. O desafio da escola é, portanto, tornar o exercício público da opinião o mais democrático possível, já que nem sempre isso ocorre em outras esferas sociais.

Com base nesses dois princípios, valeria questionar quais as práticas de linguagem e os gêneros textuais presentes na vida da comunidade escolar (professores, alunos, funcionários, familiares dos alunos e famílias circunvizinhas à escola), como fizemos ao longo dos Fóruns realizados durante o Curso.

Entre os múltiplos gêneros textuais e práticas de linguagem de que a escola se apropria ou que ela (re)inventa, podemos identificar dois conjuntos bastante presentes no cotidiano de todos nós que atuamos no cotidiano escolar: a prática de **narrar/relatar** e a prática de **opinar**. Essas práticas permitem aos envolvidos com a vida na escola, construir identidades (sua e dos outros) e se posicionar adiante de situações e desafios da vida cotidiana.

Elas ganham corpo em textos de diferentes gêneros, orais e escritos. Por exemplo:

Ex:

- a prática de narrar/relatar – registro de histórias de vida dos alunos imigrantes, biografias de personalidades marginais, histórias de assombração urbanas, diários etc.);
- a prática de opinar – debate em torno de temas controversos, assembleia, blog, mesas-redondas, jornal escolar etc.



O próximo tópico deste nosso último módulo do nosso Curso se dedicará à discussão sobre esses dois conjuntos de práticas.

TÓPICO 3 Narrar e opinar na escola

Objetivos

Os objetivos específicos deste tópico do quarto módulo de nosso Curso são:

- discutir sobre como as ações de narrar/opinar podem contribuir na interação dos membros da comunidade escolar;
- discutir princípios para a elaboração de programas educacionais baseados nas ações de narrar/opinar e nos gêneros em que elas podem ganhar corpo.

Narrar na escola

Para alguns, a escola é um espaço conhecido há muitos anos; para outros, trata-se de um espaço pouco familiar. Seja qual for a relação que o indivíduo cria com a escola, há sempre uma lembrança que guardamos sobre um dado acontecimento, sobre pessoas, sobre objetos. Cada um de nós tem um repertório diversificado de recordações de nossa vida escolar, como alunos, como familiares de alunos ou como profissionais. Esse repertório é composto de antigos cadernos – o caderno de caligrafia, por exemplo –, cartilhas e livros didáticos – *Caminho Suave, ABC*, tabuada –, boletins, cartões e cartazes confeccionados em homenagem a datas cívicas etc. As recordações que temos da escola existem porque de algum modo nos comunicamos com outras pessoas.

Há vários modos de registrar a memória das práticas escolares. É possível encontrar esses registros até em autores consagrados da nossa literatura. Por exemplo, um conto conhecido de Machado de Assis é “Conto de escola”. Nele o autor relata as impressões de um garoto sobre o cotidiano escolar. Vejamos um trecho:

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

Também Graciliano Ramos, em seu “D. Maria”, relata as impressões de um garoto sobre o trabalho escolar:

Não me ajeitava este trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata doida, semeando borrões. De nada servia pegarem-me os dedos, tentarem domina-los: resistiam, divagavam, pesados, úmidos, e a tinta se misturava ao suor, deixava na folha grandes manchas. D. Maria olhava os estragos com desânimo, procurava atenuá-los debalde. As consolações atormentavam-me, e eu tinha certeza de que não me corrigiria.

Há uma gama considerável de gêneros textuais pelos quais se realiza a ação de narrar na escola: os relatórios de pesquisa produzidos pelos alunos, as atas de reuniões, os relatos orais que os alunos e professores fazem nos intervalos de aulas, o memorial que professores apresentam quando precisam se inscrever em cursos e concursos etc.

Alguns exemplos de ações para a formulação de projetos em torno da ação de narrar seriam as seguintes:

- Registro de histórias de vida de antigos professores da escola, de pais de alunos ou de personagens da cidade ou comunidade em que se encontra a escola.
- Concurso de cartazes e tiras sobre as histórias de vida registradas.
- Varal com histórias de vida registradas.
- Produção de brochuras com as histórias de vida coletadas.
- Relatos orais de histórias de vida em eventos e encontros.
- Banco de dados da memória da escola, contendo histórias de vida de pessoas que passaram por ela.

Opinar na escola

Como já discutimos, a escola é uma das poucas agências que pode permitir a discussão e negociação de respostas públicas para a melhoria da qualidade das relações sociais.

Essa função educativa da escola não se confunde com a visão que a toma como *redentora da humanidade*; mesmo porque ela é, em grande medida, o retrato da sociedade. Mas também é o espaço em que o retrato pode ser tomado de posições diferentes, ou seja, é na escola que podemos ou deveríamos poder nos posicionar de modo criativo e inovador com relação à vida da comunidade em geral.

Com base nesse princípio fundador, a escola pode ser pensada como uma instância que, ao mesmo tempo em que se liga intimamente às outras instâncias sociais (família, trabalho, mídia, igreja etc.), estabelece uma certa *ruptura* com elas. Ruptura não no sentido de alheamento do indivíduo em relação à vida fora da escola, mas no sentido de que, ao se inserir na prática escolar, ele desenvolveria um posicionamento mais crítico com relação à vida social.

Em outras palavras, pela prática escolar, o indivíduo desenvolveria a capacidade não apenas de se adequar e responder às situações que a vida social lhe apresenta, mas de pensar e agir de modo sofisticado e crítico nessas situações.

Vejamos o relato de um licenciando em Letras sobre como a prática do debate modificou as relações inter-pessoais na escola em que realizava seu estágio:

Ex:

“Na escola em que estou estagiando (estadual, oitavas séries), as coisas não andam muito boas para as oitavas séries. Há um problema de desinteresse e bagunça generalizados por parte dos alunos (poucos “se salvam”). Além disso, algumas turmas têm outros agravantes (como a existência de furtos em sala de aula e a presença de 2 alunos com deficiência mental – o que constitui um problema porque nem os professores, nem os alunos, sabem como lidar direito com a situação. O resultado é que essas turmas estão com um aproveitamento muito baixo, inclusive no Saresp.

Ao mesmo tempo em que a área pedagógica vem tentando se aprimorar, percebe que as coisas não tem dado lá muito resultado. Nem mesmo as punições (advertência, suspensão, chamar os pais para conversar) têm dado resultado. A professora que acompanho nas aulas, então, teve a ideia de promover um “debate”, como parte das atividades da disciplina, e, ao mesmo tempo, alargar essa ideia para se tornar em todo um projeto maior de conscientização dos alunos. Conversamos com os alunos sobre a situação deles na escola, sobre o que eles esperavam alcançar, sobre a possibilidade de construir uma história diferente.

Então a professora apontou alguns alunos em cada turma para que ficassem encarregados de conversar com os colegas e tentar encontrar uma solução para os problemas. Depois, esses “monitores” conversariam com os monitores das outras salas também.

O fato é que, ao que parece, embora ainda seja muito cedo para afirmar com certeza, já houve alguns resultados positivos. Um dos alunos mais problemáticos de uma das turmas, por exemplo, conversou com a professora e com os colegas, e até sugeriu o nome do projeto “adolescente sim, aluno problema não”. Parece que o ato de “dar voz” para os alunos foi algo importante e a ideia é articular tudo isso à disciplina de língua portuguesa também (...)

O relato do estagiário mostra que grande parte dos problemas da escola (incluída a indisciplina) é vinculada, de algum modo, a uma questão que passa pela linguagem (como comunicação).

A experiência com o debate aponta a necessidade e o interesse dos alunos em interagir, embora nem sempre a escola perceba isso, e acabe por conter a interação entre eles. É o que mostra, por exemplo, a reportagem “Educando em campo minado – método inovador de ensino para áreas de risco será adotado na rede municipal do Rio de Janeiro” (Istoé, 29/7/2009). A reportagem apresenta uma metodologia que se baseia na restituição da palavra ao aluno: um saber há muito defendido pelo mestre Paulo Freire quando criticava o modelo da educação bancária em favor de uma educação para a autonomia e para a esperança.

Talvez esteja nesse ponto o espaço para a proposição de ações inovadoras: essas ações podem ter como base o desenvolvimento de projetos em torno de gêneros textuais orais e escritos que, ao mesmo tempo que atraiam o aluno, possam permitir que ele realize, entre outras, a prática de opinar, aprendendo a se posicionar diante de situações e desafios da vida cotidiana.

Também para a ação de opinar há um conjunto de gêneros pelos quais ela se realiza na escola: por exemplo, pelas dissertações que os alunos escrevem em sala, pelos comentários que fazem quando participam de discussões promovidas pelos professores, além dos debates, das reuniões de conselho, das assembleias de que os professores participam e das justificativas que apresentam para abonar, por exemplo, suas faltas.

Alguns exemplos de ações para a formulação de projetos em torno da ação de opinar seriam as seguintes:

Ex:

- Promoção de debates e assembleias em torno de temas relevantes para a comunidade escolar;
- Criação do jornal e da rádio escolares;
- Criação do blog da escola.



Agora que terminamos a leitura do Tema 4 da apostila, vamos acessar a Aulaweb para revisar e aprofundar nossos conhecimentos por meio de leituras complementares, vídeos, exercícios, autotestes, entre outros.